

A PANDEMIA E O APROFUNDAMENTO DA RACIALIZAÇÃO

Martina Ribeiro Florêncio²¹

Resumo

O presente artigo irá analisar a racialização da sociedade, que se iniciou com o colonialismo, e se mantém na contemporaneidade como elemento estruturante das relações sociais e econômicas, utilizando o conceito de racismo estrutural, e a relação que tal fenômeno possui com o manejo das crises cíclicas do capitalismo, incluindo a atual crise causada pela pandemia do Corona Vírus. Desse modo, a pandemia será analisada não somente como uma crise sanitária, mas uma crise social, e suas consequências, como resultados das escolhas feitas pelos diferentes governos diante da mesma. A divisão sociobiológica dos seres humanos perpetrada pelo colonialismo influencia diretamente no direito à vida e na insensibilização da morte e exploração de determinados grupos raciais, algo claro através das análises sociais dos impactos da pandemia. Em momentos de crise, com o aprofundamento das desigualdades e do caos social, o racismo (apresentado de distintas maneiras: xenofobia, genocídio, fascismo) é utilizado como elemento chave de interpretação do fenômeno, como um bode expiatório para uma justificativa moral e individualista da questão, e leva a sociedade a diferentes graus de fascismo.

Palavras-chave: Racismo estrutural; pandemia; capitalismo; crise; colonialismo.

COVID-19 PANDEMIC AND THE DEEPENING OF RACIALIZATION

Abstract

This article will analyze the racialization of society, which began with colonialism, and remains in contemporary times as a structuring element

21 Graduada em Filosofia pela UFRJ e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Filosofia da FFLCH/USP. Email: martinaflorencio@usp.br

of social and economic relations, using the concept of structural racism, and the relationship that this phenomenon has with the management of cyclical crises of capitalism, including the current crisis caused by the Corona Virus pandemic. In this way, the pandemic will be analyzed not only as a health crisis, but as a social crisis, and its consequences, as a result of the choices made by different governments in the face of it. The socio-biological division of human beings perpetrated by colonialism directly influences the right to life and the insensitivity of death and exploitation of certain racial groups, something made clear by the social analyzes of the impacts of the pandemic. In times of crisis, with the deepening of inequalities and social chaos, racism (presented in different ways: xenophobia, genocide, fascism) is used as a key element of interpretation of the phenomenon, as a false explanation for a moral and individualistic justification of question, and leads society to different degrees of fascism.

Keywords: Structural Racism; pandemic; capitalism; crisis; colonialism.

Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita, é uma civilização decadente. (CESÁRIE, 1978, p. 13)

Em um mundo em que a raça define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo. (ALMEIDA, 2019, p. 57)

Introdução

Em 31 de dezembro de 2019, a República Popular da China informou à Organização Mundial de Saúde (OMS) a existência de um novo vírus respiratório²², até então desconhecido, circulando na província de Wuhan. A princípio, o fato não parecia muito fora do comum; nos últimos anos, novas doenças respiratórias circularam pela região da Ásia, algumas bastante sérias, como foi o caso da SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) em 2003, e embora fosse alarmante, não era possível prever o impacto mundial dessa doença. Exatamente um mês depois do alerta do governo chinês, em 30 de janeiro de 2020, a OMS decreta que o novo coronavírus é uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e, desde então, todo o mundo vem sofrendo com a disseminação da pandemia e os seus efeitos na economia e na sociabilidade.

O século XXI enfrenta, sem dúvidas, o seu maior desafio até o momento, não só devido à pandemia, mas à crise econômica capitalista

22 Conforme informações do Escritório da OPAS e da OMS no Brasil, disp. em https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em 5 set 2020, 21:41

catalisada pela COVID-19. Os indicadores econômicos apontam que não houve uma real recuperação da economia ocidental pós-crise de 2008, e que desde o último ano há uma queda acentuada na taxa de lucro dos EUA, principal economia mundial.²³ A análise da pandemia feita nesse artigo não considera somente a sua dimensão sanitária, mas também sua dimensão econômica e principalmente social: “Não se pode limitar a pandemia do coronavírus às chaves de explicações biológicas ou da natureza. Trata-se de uma crise eminentemente social e histórica.” (MASCARO, 2020, p.5).

Mas como a racialização da sociedade se relaciona com a pandemia e como ela auxilia a construir uma análise sobre o futuro das relações no mundo pós-pandemia? Aqui será utilizado o conceito de racismo estrutural encontrado na obra de Sílvio Almeida:

Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. (ALMEIDA, 2019, p. 21)

Partindo da compreensão de que o racismo é um fenômeno estrutural da sociedade pós-colonialista e que está presente em todas as esferas da sociabilidade, é importante que as análises dos eventos que ocorrem no mundo, em especial em momentos de crise, considerem a diferenciação racial como elemento primordial.

A colonização e a racialização do mundo

O projeto colonial da Europa pode ser dividido em duas fases: colonização das Américas e modelo econômico baseado no escravismo (sendo aqui utilizados como mão-de-obra os africanos e povos originários), e o neocolonialismo, após a crise capitalista de 1873, com a partilha do território africano entre países europeus, referendada pela Conferência de Berlim em 1885, em conjunto com uma ofensiva colonial na Ásia e Oceania (MBEMBE, 2014).

O sistema escravista colonial se diferiu de qualquer outro sistema escravista do passado, não só pela extensão do tráfico de escravizados, jamais vista anteriormente, mas pela importância econômica que o mesmo teve para todo um sistema mundial. Ele se tornou a base da acumulação primitiva dos países europeus, em conjunto com a expropriação de terras dos camponeses na própria Europa, possibilitando a posterior revolução industrial e desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo (MARX, 2017).

A base ideológica do colonialismo foi o racismo: a diferenciação dos seres humanos de acordo com as suas características físicas

23 Dados disponíveis em <https://fred.stlouisfed.org/graph/?g=1Pik>. Acesso em 4 set 2020, 19:20

e, acreditava-se, biológicas²⁴. A exploração humana de determinados grupos – e geográfica de determinados territórios – não era vista somente como uma incursão econômica da Europa, mas como uma missão humanitária civilizadora de povos e terras selvagens, sob a justificativa primeiramente da religião e depois da filosofia e da ciência.

Anteriormente ao colonialismo essas diferenciações morais entre os povos não existiam, e, embora as claras diferenças étnicas fossem notadas e documentadas, a troca cultural e econômica entre os povos, em especial da Europa, Oriente Médio e Norte da África, eram comuns e se davam em bases, *grosso modo*, de igualdade entre os diferentes povos (MUNANGA, 2019).

A partir da colonização, os povos originários (vulgarmente denominados indígenas) foram considerados povos pagãos e selvagens que deveriam ser catequizados e civilizados para a sua própria melhoria intelectual e espiritual. Já os negros africanos eram considerados povos amaldiçoados por Deus, por serem descendentes da linha dissidente de Cam, filho de Noé, que teria povoado a África. Esse argumento bíblico era utilizado para justificar a escravidão, considerada natural para esses povos amaldiçoados.

Ancorando seus interesses econômicos nessa perspectiva ideológica do racismo, a Europa empenhou uma incursão nunca vista anteriormente de tráfico humano de africanos para as mais diversas partes do mundo, mas, em especial, para as Américas, para trabalho escravo nas plantações e trabalho doméstico para os europeus e brancos das colônias. Assim como a exploração predatória de outros continentes, sempre utilizando como mão-de-obra povos não-brancos, racializados, nessa nova condição de seres subalternos.

[...] Em proveito do tráfico atlântico (século XV ao XIX), homens e mulheres originários da África foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda. (MBEMBE, 2014, p. 12)

O colonialismo inaugurou um novo conceito de ser humano.

Se antes desse período *ser humano* relacionava-se ao pertencimento a uma comunidade política ou religiosa, o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no *homem universal* (atentar ao gênero aqui é importante) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas. (ALMEIDA, 2019, p. 25)

Para o “sucesso” ideológico e material do colonialismo, foi necessária uma mudança completa nos conceitos de comunidade e ser

24 Hoje já está comprovado cientificamente que raça não existe para os seres humanos. As diferenças fenotípicas que existem entre os diferentes grupos étnicos não representam diferenças biológicas para distinções entre raças, como ocorre em outros animais.

humano. A Europa passou a representar o berço civilizatório do mundo e os seus habitantes, o que há de mais desenvolvido e civilizado.

A desumanização dos povos não-brancos, em especial do negro, serviu duplamente para sua exploração e submissão, assim como para a indiferença da sociedade para com este processo.

O colonialismo não significou somente um novo modo de produção, que deu luz ao sistema econômico capitalista, mas uma rachadura na sociedade global (que não se entendia enquanto tal anteriormente, já que a integração dos continentes aconteceu historicamente com a colonização). A desumanização completa de grande parte da população mundial, baseada em signos biológicos, foi a base estrutural do desenvolvimento do capitalismo e continua sendo até hoje.

Racismo científico, eugenismo e fascismo

Com as mudanças políticas, econômicas e científicas da Europa a partir do período iluminista, mudou-se também, a ideologia colonial, de forma com que ela estivesse em maior consonância com os anseios da época. Com o fim definitivo do sistema feudal e diminuição do poder eclesiástico, as bases religiosas que justificavam a subalternização dos povos não-brancos já não eram mais suficientes. O “período das Luzes” foi também o momento de consolidação da ciência como base explicadora dos fenômenos, substituindo a teologia; foi o início do antropocentrismo europeu. Sendo assim, era necessário que a inferiorização dos povos não-brancos estivesse calcada em bases mais sólidas do que na religião; é quando nasce o *racismo científico*.

Justificar que determinados grupos sociais não passavam de “primitivos”, “selvagens”, “atrasados”, e “não civilizados” sem o aval da ciência não era o bastante. Daí cientificar as justificativas, que extrapolaram os “lemas democráticos”, para sustentar o domínio oligárquico, que expressava o anseio do capital. (GÓES, 2018, p. 58)

A filosofia cumpriu um importante papel na mudança de paradigma teórico operada pelo iluminismo, época em que aquela ainda gozava de prestígio entre as disciplinas científicas. Os filósofos foram importantes para a nova configuração de raça que surgiu nesse período. De acordo com GÓES (2018), pensadores iluministas como Diderot, Voltaire, Rousseau, Hume, entre outros, baseando-se principalmente nos relatos de viajantes às colônias e outros continentes, passaram a se debruçar sobre o tema da raça e das diferenciações entre os grupos humanos que habitavam o planeta.

Para esses autores os povos não-brancos, em especial, negros e ameríndios, eram vistos como variações inferiores, menos evoluídas do homem. Essas populações eram associadas com o trabalho físico e uma prevalência do corpo sobre o intelecto e a contraposição entre *primitivo x civilizado* foi utilizada à exaustão, justificando e incentivando a

colonização desses “humanos inferiores” através da ideia de progresso, conceito central do iluminismo.

Ora, é nesse contexto que a raça emerge como um conceito central para que a aparente contradição entre a universalidade da razão e o ciclo de morte e destruição do colonialismo e da escravidão possam operar simultaneamente como fundamentos irremovíveis da sociedade contemporânea. Assim, a classificação de seres humanos serviria, mais do que para conhecimento filosófico, como uma das tecnologias do colonialismo europeu para a submissão e destruição das populações das Américas, da África, da Ásia e da Oceania. (ALMEIDA, 2019, p. 28)

Foi nesse período, no final do século XVIII, que a burguesia tornou-se a classe dominante dentro do continente europeu, através da Revolução Francesa, impondo o seu poder político e modo de sociabilidade, consolidando o capitalismo como modo de produção vigente. É a partir desse domínio burguês sobre a Europa que o conceito de racismo científico irá ser produzido.

O mundo sob a égide do capitalismo se tornou um mundo socialmente complexo e as ciências tornaram-se cada vez mais fragmentadas, com o surgimento de novas disciplinas, especialmente na área das ciências sociais, como a economia e o direito, disciplinas diretamente ligadas à sociabilidade burguesa, assim como a sociologia e a antropologia.

O racismo não poderia ser justificado somente pelo meio da filosofia, visto que o século XIX é o período em que se consolidam outras “ciências”; por essa razão, os intelectuais orgânicos da burguesia lançam mão de novos campos do saber: a antropologia e a etnografia. (GÓES, 2018, p. 30)

No século XIX, o positivismo se configurava como ideologia dominante nas ciências, e as ciências naturais gozavam de maior prestígio, sendo considerada a forma superior de explicação do mundo. A antropologia, diretamente influenciada pelo positivismo, foi essencial para a classificação exaustiva dos diferentes grupos humanos, pois o fazia através de uma perspectiva mais centrada na observação das culturas, hábitos, religiões, linguagens, etc.; observação essa que já continha, *a priori*, o conceito de raça. Esse campo do saber consolidou a diferenciação do Eu (europeu) e o Outro (resto do mundo) e, uma das suas ramificações, a antropologia física, foi uma das percussoras do eugenismo. Todas as diferenças físicas, culturais e “biológicas” observadas por meio dessas disciplinas, eram utilizadas para uma suposta comprovação da inferioridade dos povos não brancos.

A frenologia, disciplina derivada da Antropologia Física, foi responsável pela análise de crânios e cérebros de pessoas desviantes da sociedade (criminosos, prostitutas, mendigos, “loucos”), e através dessa análise eram evidenciadas diferenças anatômicas entre os estes e os homens “normais”. Isso provém da necessidade de que os problemas

sociais ascendentes daquela sociedade fossem explicados através da biologia e não da própria análise social. “O movimento eugenista configura-se como uma reação conservadora que tem por finalidade oferecer subsídios para a superação das contradições sociais.” (GÓES, 2018, p. 23).

O eugenismo foi um movimento derivado do racismo científico, que tomou a Europa e se expandiu com força para os países da América. Ele nada mais é do que uma tentativa de naturalização das desigualdades através da imposição da causa do problema social ao indivíduo afetado por ele, encontrando causas biológicas, portanto impossíveis de serem solucionadas por mudanças sociais.

Tanto o eugenismo como o colonialismo foram parteiras do regime fascista que assolou a Europa no século XX. Cesáire (1978) irá explicitar o nazismo como uma importação do modelo colonial dentro da própria Europa. A tolerância da população diante dos horrores desse regime só pode ser explicada pela insensibilização sobre o sofrimento dos “seres inferiores” causada pelo racismo e a assunção das mazelas sociais a problemas intrínsecos a determinados grupos sociais, racialmente identificados.

Quanto ao resto, trata-se do que se apazigua odiando, mantendo o terror, praticando o alterocídio, isto é, constituindo o Outro não como *semelhante a si mesmo*, mas como objeto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente, é preciso destruir, devido a não conseguir assegurar seu controle total. (MBEMBE, 2014, p. 26)

O conceito de raça como algo legítimo cientificamente perdurou na sociedade até meados de 1950. Somente após o regime nazista ocorrido na Europa e o conhecimento mundial sobre o Holocausto, que a Declaração de Direitos Humanos foi redigida pela ONU (Organização das Nações Unidas), assim como uma série de documentos, resoluções e campanhas contra o racismo. Ainda assim regimes explícitos de segregação racial perduraram mesmo após esse período, como o regime Jim Crow nos EUA e o *apartheid* na África do Sul.

A pandemia

Como explicitado na introdução, nesse artigo a atual crise mundial será analisada não somente através do seu caráter sanitário, mas também econômico, que é permeado pelas questões abordadas até o momento, como será demonstrado a seguir. Os números, tanto no Brasil quanto no mundo, são devastadores: milhares de mortes, que apontam chegar ao milhão em pouco tempo. Embora a pandemia fosse imprevisível e inevitável, muitos de seus impactos eram evitáveis e a situação com a qual lidamos poderia ser muito diferente.

Pandemias e crises sanitárias são uma realidade da sociedade há alguns séculos. A questão que se coloca é: como cada época histórica, cada país e seus respectivos governos lidam com isso?

Muitos dos países desenvolvidos, considerados modelos de sociabilidade, lidaram da pior maneira com a crise, desencadeando colapsos nos sistemas de saúde e genocídios, como os EUA e alguns países da Europa, enquanto governos de países menos desenvolvidos economicamente, mas que possuem modelos econômicos distintos do capitalismo, como Cuba e Vietnã, passam pela pandemia com o mínimo de impacto humano.

Como dito anteriormente, a pandemia surgiu em um momento no qual o capitalismo já estava em crise. A precarização constante do mundo do trabalho, chamada uberização, o aumento da desigualdade, a perda de direitos são realidades com as quais o mundo, em especial o Ocidente, já estava lidando antes da descoberta do novo coronavírus. É a chegada, conforme MBEMBE (2018), do “devir negro no mundo”, momento em que o capitalismo universaliza a condição negra a outros povos através da sua exploração.

O flagelo do desemprego, as habitações precárias para suportar quarentenas, as contaminações em transportes públicos lotados e a fragilidade do sistema de saúde são, exata e necessariamente, condições históricas de um modo de produção específico, o capitalismo. (MASCARO, 2020, p.06)

O capitalismo tem a sua própria maneira de lidar com a crise, a insensibilização sistemática em relação às vidas humanas, a priorização do aspecto econômico, ao lucro em relação à vida, e nesse esquema, algumas vidas são mais afetadas do que outras, valem mais do que outras.

Crise e Racismo

O racismo é responsável pela condição subalterna que os povos não brancos, em especial os negros, encontram-se hoje. Não somente eles tem menos oportunidades pelo histórico colonial, mas a própria estrutura da sociedade somente funciona se essa posição for mantida. Sendo assim, há duas maneiras de se refletir sobre a relação crise/racismo. A primeira e mais evidente, é a desproporcionalidade dos impactos da crise sobre as populações não brancas, e a segunda, menos evidente, mas que tentei explicitar até o momento, é o aumento da racialização das relações sociais.

A diferenciação racial de grupos humanos é utilizada constantemente como chave de explicação da desigualdade no capitalismo. As contradições sociais são moralizadas. A racialização promove a naturalização de estruturas excludentes de sociedade e a conformidade (em especial por parte dos grupos não excluídos) em relação a isso.

A racialização serve não somente para a exploração e extermínio de grupos de pessoas, mas como muleta de explicação do caos social causado pelo capitalismo. É uma forma de manipulação da sociedade contra um suposto inimigo que não está em uma posição de poder. Um inimigo que deve ser eliminado/excluído para a resolução dos

problemas e bem da sociedade. É assim que se cria o fascismo. A canalização da revolta popular pela precarização da vida, pelo aumento da violência e perda de direitos, contra um falso inimigo, identificado racialmente, o diferente, o “outro de si mesmo”. E isso só é possível porque o colonialismo estruturou o mundo através da ideologia da raça, e essa estrutura se mantém. Sendo assim, não é possível refletir sobre o mundo, especialmente em momentos de crise, sem considerar o papel do racismo, uma vez que ele fornece a lógica e o sentido dessa estrutura.

Enfim, ao contexto da crise, o racismo é um elemento de racionalidade, de normalidade e que se apresenta como modo de integração possível de uma sociedade em que os conflitos tornam-se cada vez mais agudos. (ALMEIDA, 2020, p. 207)

Não é por acaso que os governos de extrema-direita ao redor do mundo se esforçam para que a COVID-19 seja conhecida como o “vírus chinês”, assim como para espalhar teorias da conspiração sobre produção de armas biológicas no território de Wuhan, entre outros absurdos sem a menor base material. É uma tentativa (bem sucedida) de racializar o problema, de encontrar um culpado pela crise e se eximir de responsabilidades nas ações de combate a pandemia. São os mesmos governos que possuem medidas menos efetivas sob a crise.

É somente esperado, na sociedade racializada que vivemos, que o racismo contra orientais e em especial, chineses, aumentasse tanto durante a pandemia²⁵. Esse é o modo como o capitalismo colonial funciona: encontra nas minorias étnicas um bode expiatório para justificar as crises e criar uma falsa solução (que muitas vezes passa pelo fascismo), criando ódio e medo e explorando cada vez mais a parcela mais vulnerável da população como uma forma de se recuperar da crise que ele mesmo formou.

O aumento do questionamento dos direitos adquiridos das minorias nos últimos anos, dos grupos de extrema-direita, de manifestações neonazistas, assim como um retorno a uma identidade universal nos moldes iluministas (homem branco) que acontece nesse momento, são consequências comuns das crises que já aconteceram no capitalismo. Esse é um fenômeno que só um estudo sobre o pensamento conservador, o racismo e o colonialismo podem explicar.

E é justamente devido ao racismo estrutural, que os mais afetados durante as crises sejam os grupos não brancos. Os números no Brasil²⁶

25 Conforme reportagem da agência LUSA de 04/03/2020, disp. em <https://www.saudemais.tv/noticia/4580-covid-19-xenofobia-contra-orientais-cresce-no-brasil-com-o-novo-coronavirus>. Acesso em 7 set 2020 14:40.

26 Conforme reportagem da revista Época de 03/07/2020, disp. https://epoca.globo.com/sociedade/dados-do-sus-revelam-vitima-padrao-de-covid-19-no-brasil-homem-pobre-negro-24513414?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar&fbclid=IwAR3k32Tnr5BylDaDzE7ND9xNPVrvrgA-H_ns7KjVbPu3xVT8pCDPjloHBO2Y. Acesso em 06 set 2020 19:03

e nos EUA²⁷, países em situações econômicas muito distintas dentro do sistema mundial, mostram como os negros, e no caso brasileiro, os indígenas, sejam lesados de forma totalmente desigual em relação aos seus pares brancos.

Considerações finais

Essa crise mudou a sociabilidade até então construída, e embora nem todas as mudanças sejam permanentes (como os protocolos sanitários), algumas já se insinuavam anteriormente e encontram na pandemia a justificativa para a sua manutenção, como a precarização das relações de trabalho através da “digitalização”, a desumanização das relações e a valorização da produtividade em detrimento de quaisquer circunstâncias externas ao indivíduo.

A pandemia manteve determinadas práticas que, com os protocolos sanitários, não encontravam mais justificativas para se manter, como o encarceramento por pequenos delitos e operações policiais em favelas e subúrbios²⁸, o que desvela o caráter racista e de controle social que tais práticas possuem, em nada se relacionando com a proteção da população.

Embora a racialização da sociedade e o aumento de manifestações fascistas sejam uma realidade da crise atual, esse não é um movimento unilateral. A reação à crise não é unicamente reacionária. Com o aumento da exploração, do genocídio e da perda da qualidade de vida, os povos oprimidos sempre se levantaram por alternativas revolucionárias, que mudassem o *status* vigente, ao invés de mantê-lo. Isso fica evidente nas manifestações antirracistas e antifascistas que tomaram o mundo em plena pandemia.

O questionamento sobre essa realidade fragmentada e divisionista que nos foi imposta cresce cada dia mais. Cabe aos povos oprimidos e explorados, o protagonismo nas mudanças sociais que estão por vir.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARROS, Douglas Rodrigues. **Lugar de negro, lugar de branco? Esboço para uma crítica à metafísica racial**. 1 ed. São Paulo: Ed. Hedra, 2019.

27 Coronavírus: por que população negra é desproporcionalmente afetada nos EUA? Reportagem. Disp. em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52267566>. Acesso em 5 set 2020 21:58

28 VASQUES, Tálison. O genocídio como atividade essencial do Estado. Artigo. Blog da Boitempo. Disp. em <https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/15/o-genocidio-como-atividade-essencial-do-estado/>. Acesso em 8 set 2020 12:53

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução Noêmia de Sousa. 1 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. 1. ed. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison M. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. 1. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

GÓES, W.L. **Racismo e eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl**. 1 ed. São Paulo: LibeArs, 2018.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MARX, Karl. **O Capital – Livro 1**. 2. Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MASCARO, Alysson Leandro. **Crise e Pandemia**, 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. 1 ed. Lisboa: Antígona, 2014.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Fundação Maurício Grabois – co-edição com Anita Garibaldi, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão da raça no Brasil 1870-1930**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido: em agosto de 2020

Aprovado: em outubro de 2020